

O CONTO DE FADAS: O MÍTICO E O MARAVILHOSO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Hilda Rodrigues da Costa¹

Introdução

Podemos afirmar que o conto de fadas é um processo de interação e conhecimento por meio da literatura infanto juvenil. Uma vez que, o conto de fadas não é apenas uma história onde o bem vence o mal, é muito mais! Por meio de sua simbologia, ele possibilita a interação entre o sujeito e o mundo real, exercendo um papel fundamental no desenvolvimento psicológico da criança até a fase adulta, preparando-a para enfrentar as adversidades que estão por vir como o medo, a perda, o amor. Além de desenvolver o hábito pela leitura, o conto de fadas também possibilita a aquisição de valores culturais.

1. O Conto de Fadas e a Luta pelo Significado

O conto de fadas traduz sonhos, desejos, medos, transformações de ordem social e psicológica. Pois, para termos uma verdadeira consciência de nossa existência é necessário encontrarmos um significado em nossas vidas. O que muitas vezes é difícil, pois muitos já “perderam o desejo de viver, e pararam de tentá-lo, por que o significado lhes escapou.” (BETTELHEIM, 1980).

Alcançar a maturidade cronológica não significa compreender o significado da própria vida. Ao contrário, a compreensão segura do significado da própria existência vem com a maturidade psicológica, que não se dá de um dia para o outro. Esta maturidade, por sua vez, é um processo que vai se constituindo ao longo do desenvolvimento de cada indivíduo. Ela é construída por pequenos passos que vão edificando, e dando significado a própria existência do indivíduo neste mundo a partir da própria experiência nele vivenciada.

¹ Mestre em Letras e Linguística pela UFG; Coordenadora do curso de Letras da UEG, Unidade Universitária Inhumas.

Como afirma Bettelheim (1980, p. 12),

Para encontrar um significado mais profundo, devemos ser capazes de transcender os limites estreitos de uma existência autocentrada e acreditar que daremos uma contribuição significativa para a vida – senão imediatamente agora, pelo menos em algum tempo futuro. Este sentimento é necessário para uma pessoa estar satisfeita consigo mesma e com o que está fazendo. Para não ficar à mercê dos acasos da vida, devemos desenvolver nossos recursos interiores, de modo que nossas emoções, imaginação e intelecto se ajudem e se enriqueçam mutuamente.

Isso pode ser alcançado por meio da leitura de contos de fadas, pois através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, bem como, a busca por soluções destes mesmos problemas.

Os contos de fadas tradicionais não eram destinados às crianças, e muito menos faziam parte de sua educação. Estes, por sua vez, eram transmitidos oralmente, de geração para geração, o que resultava na perda de muitos elementos. Com o passar do tempo, pode-se perceber mudanças em sua estrutura, principalmente quando ela se volta para o público infantil, através dos Irmãos Grimm, no século XVII. Neste momento, os contos de fadas ganham maior importância, e a intervenção do elemento maravilhoso se torna presente na narrativa, como um mecanismo capaz de seduzir este leitor, organizando a realidade vivenciada por este por meio da fantasia, utilizando-se de uma linguagem simbólica.

Esta linguagem simbólica dos contos de fadas envolve algum tipo de magia, metamorfose ou encantamento. A criança quando ouve o conto de fadas, ela projeta inconscientemente partes dela mesma em vários personagens da história, na busca por soluções para os problemas da vida real.

As figuras dos contos de fadas não são ambivalentes, quer dizer, não são boas e más ao mesmo tempo. Essa polarização nos contos de fadas auxiliará no desenvolvimento ulterior da personalidade a ser construída. O que posteriormente levará a construção de uma ligação verdadeiramente satisfatória com outra pessoa.

Portanto, para encontrarmos um significado mais profundo, segundo Bettelheim (1980, p. 12), “devemos ser capazes de transcender os limites estreitos de uma existência autocentrada e acreditar que daremos uma contribuição significativa para a vida”. Sendo este sentimento necessário para que uma pessoa esteja satisfeita consigo mesma e com o mundo que a rodeia.

2. O Conto de Fadas Também é Literatura

Conceituar literatura infanto-juvenil parece óbvio, porém é preciso pensar nessa concepção de arte e sua importância para o desenvolvimento do pequeno leitor. Proporcionando a ele a aquisição de sua consciência cultural, conduzindo-o a perceber e a indagar a si e ao mundo. E é nessa interação com a literatura que o pequeno leitor encontra propostas ideais ou formas possíveis de convivência social, favorecendo sua consciência de mundo.

Ouvir histórias lidas ou contadas são momentos mágicos que colocam a criança em interação com a variedade linguística culta. Essas atividades literárias fazem parte do processo de aquisição da linguagem e enriquecem o léxico da criança com belas expressões, além de aproximar o contador de seu ouvinte, estreitando laços de afeto, que irão desenhar o lado simbólico e psicológico da criança com ética e criatividade.

Para Zilberman (2003), a literatura é um fenômeno artístico desafiador, expressão sem limites definidos e que desempenha uma função de conhecimento. Pois, o ato de ler está relacionado com o desenvolvimento do real, através da fantasia infantil, proporcionando ao leitor o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais. Como afirma a autora, é nesse entrecruzamento entre o real e o imaginário que emerge uma significação capaz de explicar o mundo que nos rodeia, permitindo criar formas de lidar com os problemas. Ela também afirma que a literatura infantil surgiu durante o século XVIII, período de mudanças na estrutura da sociedade que desencadearam movimentos, de certa forma, revolucionários no campo das artes.

De acordo com Zilberman (2003, p. 34-35),

Há um vínculo estreito entre seu nascimento e um processo social que marca indelevelmente a civilização europeia moderna e, por extensão, ocidental. Trata-se da emergência da família burguesa. As ascensões respectivas de uma instituição como a escola, de práticas políticas, como a obrigatoriedade do ensino e a filantropia de novos campos epistemológicos, como a pedagogia e a psicologia, não apenas inter-relacionadas, mas uma consequência que o novo porto da família e respectivamente a criança adquire na sociedade.

Diante deste processo social é concedida a infância um novo status na sociedade burguesa e, conseqüentemente a literatura infantil que se torna um gênero com uma origem, decorrente de exigências de seu próprio tempo.

Os contos de fadas são ímpares, não apenas como forma de literatura, mas como obras de arte, sendo seu significado diferente para cada pessoa, e diferente também para a mesma pessoa em diferentes momentos de sua vida, dependendo de seus interesses e necessidades em determinado momento.

Os contos de fadas são considerados modelos narrativos que apresentam uma situação inicial, evoluindo para um conflito e, conseqüentemente leva a busca por uma solução, chegando ao “felizes para sempre”. É isso que corrobora para que o pequeno leitor interaja com os elementos mágicos.

Nos contos de fadas o leitor encontra personagens e situações que fazem parte do seu cotidiano e do seu universo individual com conflitos, medos e sonhos. Eles estão fundamentados numa ação de procedência mágica. O que torna a fantasia essencial para a compreensão de mundo por parte da criança. Preenchendo as lacunas que o individuo tem durante a infância como o medo, o amor, o ódio, a inveja, a amizade, permitindo-lhe lidar com isso de forma natural.

Bettelheim (1980, p. 13) afirma que,

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimulá-la a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro.

Para Bettelheim (1980) não existe nada mais enriquecedor para uma criança, como para um adulto, do que o conto de fadas, pois através deles pode-se aprender muito mais sobre os problemas interiores.

Segundo Coelho (2000), o conto de fadas é de natureza espiritual, existencial, diferenciando-se do conto maravilhoso, onde os personagens possuem poderes sobrenaturais. Daí a presença da fada, que vem do latim “*fatum*” (que significa destino, fatalidade, fado), que é uma entidade fantástica, responsável pela realização dos desejos, dos sonhos e ideais inerentes à condição humana.

As fadas são seres imaginários dotados de virtudes positivas, de certa forma, que simbolizam o poder de dispor da vida, por meio da figura feminina, que age sob influência de outros, sendo capaz de prever o futuro de algum ser.

Pelo seu núcleo problemático ser existencial, os contos de fadas podem ser encarados como uma jornada em quatro etapas (a travessia, o encontro, a conquista e a celebração), sendo cada etapa um caminho da autodescoberta.

Segundo Coelho (2000) o ponto definidor da contemporaneidade de uma literatura é sua capacidade de estimular a consciência crítica do leitor, por meio da observação e reflexão sobre o mundo real.

A vida intelectual de uma criança, fora das experiências imediatas dentro do seio familiar, sempre dependeu das histórias míticas e religiosas e dos contos de fadas. Pois, o papel fundamental destas histórias eram ser agentes de socialização.

Referências

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COELHO, N. N. **Panorama Histórico da Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Literatura Infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.

ZILBERMAN, R. **Como e Por que Ler a Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.